

2. Os primeiros passos

2.1. A pedra fundamental

Em diversas fontes de estudo sobre a história do samba, uma das mais recorrentes informações é a de que “o samba nasceu na Praça Onze, na casa da tia Ciata, a partir de encontros lá realizados. Entre os frequentadores desses encontros, músicos negros, oriundos dos morros ou dos cortiços, jornalistas e músicos renomados e até outros profissionais da classe média da época. Esse é o ponto inicial para, senão todas, grande parte das discussões e teses acerca do tema. Mas foi numa visita ao Centro Cultural Cartola, na Mangueira, que um texto de caráter informativo e ilustrado por imagens, no mural da entrada da exposição, me atraiu a curiosidade com a seguinte inscrição:

O berço do nosso samba está na Pedra do Sal, no Largo do Estácio, na Praça Onze. Ele foi gerado nos quintais e nos terreiros da população negra de baixa renda, na virada do século XIX para o XX, nos anos após a Abolição. O parto foi cercado de rezas e festas. Os pais e as mães são muitos, alguns já viviam aqui, outros chegaram do interior fluminense, de Minas Gerais, da Bahia de Todos os Deuses, e traziam consigo tradições, cultos, histórias, folias – a grande família da cultura afrobrasileira.

Ao término da visita fiquei com a sensação de não ter aproveitado bem a exposição, pois saí de lá com a não informação sobre essa tal Pedra do Sal, uma vez que só a Praça Onze e o Estácio via mencionados como celeiros do samba. À Praça Onze é que vários sambistas prestam reverência em suas obras. Onde textos discorrem – inclusive traduzidos para outros idiomas – sobre os elementos que compõem o gênero, instrumentos, suas origens, sua importância, ilustrando a parede ao longo da plataforma de embarque e desembarque da estação do metrô. É a Praça Onze que vários artistas cantam em versos, principalmente em sambas de enredo, nos desfiles carnavalescos. Sem sombra de dúvida, é a velha praça o ponto de partida para grande parte do acervo produzido sobre temas relacionados com o samba e o carnaval.

Naturalmente, pela expressiva figura de Tia Ciata e a categoria de seus convidados ficou mais que caracterizado aquele local como a manjedoura do samba. Ainda que fosse território reconhecido como Pequena África, a influência

de figuras ilustres concediam ‘um certo aval’ para as rodas de samba lá realizadas. E talvez não seja incorreto dizer que foi essa condição de respeito adquirida pela dona da casa que fez com que a história ali fosse sendo registrada, até chegar aos dias atuais. O testemunho dos músicos, nas obras, e de jornalistas, nas publicações de suas matérias, foram determinantes para a manutenção dessa memória.

O Estácio também possui algum registro. Graças à figura de Ismael muito da história do samba se vê obrigada a adentrar na antiga zona de meretrício para atestar informações que só lá poderiam ser fornecidas. No morro o samba nascia do talento de compositores que pouco se tem saber, mesmo dentre a comunidade. Mas Ismael, talento incomum, de lá fazia uma leitura do seu tempo, olhando literalmente de cima e visualizando um novo perfil do que nos chegou aos dias atuais como o reconhecido samba.

No entanto, o motivo que gera a incursão nesta pesquisa é o desvendamento de outro lugar. Esse ponto na cidade denominado Pedra do Sal, até então desconhecido por mim. Concomitante a este descobrimento, faz-se imprescindível apresentar o que a meu ver ele possui de mais simbólico. Uma vez reconhecida como berço do samba não se poderia deixar de exibir seu mais genuíno produto. E como subprodutos dessa natureza, tomando-os como objetos de análise, salientaremos dois, cujas trajetórias apontam semelhanças e distanciamentos entre si, além da comum identificação com o lugar. Trata-se da Roda de Samba da Pedra do Sal e do Movimento de Compositores Samba na Fonte.

O que se pretende com este estudo é contribuir para que se descortine ao restante da cidade uma pequena área situada no centro do Rio, cuja história principia a existência da própria cidade. Foi por ali que chegaram europeus e africanos, povos distintos de várias partes do mundo, trazendo tradições e culturas que se fundiram em solo carioca, promovendo o nascimento de outra história, com novos costumes e novas culturas.

Tendo a Pedra do Sal como elemento nuclear de um dos bairros que compreende a zona portuária e também eixo central desta pesquisa, esta dissertação buscará em linha direta com os atores contemporâneos, pessoas simples, que no cotidiano são figuras identificadas e conhecidas no universo da Saúde, reconhecer esse ponto como “o berço do samba”, tal como se faz inscrito

no mural do Centro Cultural Cartola. Certificar-nos de sua real condição de celeiro de bambas, espaço místico, onde o samba é nativo, elemento bruto, brotando da pedra como água na fonte. E se o discurso de quem convive naquele universo reproduz uma realidade ou é apenas mais um artifício elaborado pelo imaginário, para afirmação de ideais ou simplesmente para proveito de fins econômicos ou políticos.

Nesse sentido, fora indispensável realizar alguns percursos no entorno e buscar convivência constante com a comunidade, de modo a entender as relações sociais ali estabelecidas. Em princípio, quando apenas participava dos eventos noturnos, apenas era possível identificar quem estava inserido diretamente no culto à Pedra como símbolo cultural, mais precisamente, “o berço do samba”. Aos poucos outros atores foram aparecendo, complexificando o quadro preexistente, cada qual com sua posição e seus modos de apreciação e apropriação do lugar.

Inicialmente minha meta foi identificar o que havia além dos degraus escavados na Pedra. Aonde me levaria aquela rua de pedras irregulares, ou ainda as outras escadarias, que se ofereciam ao Largo João da Bahiana de forma desencorajadora para mim, como acesso a um labirinto indefinido e misterioso. Paralelamente, busquei trabalhos escritos, priorizando os que eventualmente tivessem um enfoque específico sobre a Pedra. Tomei conhecimento de algumas obras e a partir daí adotei a pesquisa de campo, fazendo passeios, entrevistas, indo a eventos, participando como ouvinte de reuniões, criando amizades e estabelecendo contatos que se mostraram extremamente proveitosos, sob os mais diversos aspectos. Apesar da minha dificuldade com o tempo, adversidade que me consumiu, inclusive, desde o princípio do curso, esta foi a etapa mais interessante do trabalho.

Curiosidade aguçada, misto de labor e lazer, entre horas de tensão e outras de descontração, de suor no rosto e de “loiras suadas”, sob a batuta do mestre Paulinho da Viola, aceitando todo tipo de argumento e respeitando, acima de tudo, a memória, aceitamos o desafio. E pautado na sabedoria de um “velho marinheiro”², mesmo “durante o nevoeiro”³, fomos levando o barco devagar.

² *Argumento*, Paulinho da Viola, 1975.

³ *Idem*.

2.2. Os morros

*A pedra é dura iá iá
A pedra é dura iô iô
A pedreira é do Homem
Ele é da Lei, meu sinhô...*⁴

Na fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1565, por uma questão de logística, as primeiras ocupações ocorreram nos morros, de onde se podia vigiar a entrada pelo mar de possíveis invasores. Assim, após o confronto e a vitória sobre os franceses comandados por Villegagnon, Estácio de Sá promoveu o deslocamento do grupo de portugueses do Morro Cara de Cão para o Morro do Descanso, denominação inicial para o reconhecido e já extinto Morro do Castelo. Em seguida, os morros de Santo Antônio, de São Bento e da Conceição, compondo o conjunto de quatro pontos estratégicos para as bases militares portuguesas, foram sendo também habitados. Destes, resistiu como incólume documento histórico, o Morro da Conceição.

Outro aspecto considerável para essas ocupações dos morros residia nas condições do terreno pantanoso que constituía a área plana. Motivo mais que compreensível para os primeiros exploradores buscarem instalações nas elevações. Era óbvio, portanto, que “a expansão geográfica requeria o aterro de pântanos e lagoas” (ZILBERBERG, 1996 p.15). E isso ocorreu, posterior e gradativamente, na medida em que a população aumentava e o interesse em se manter próximo ao litoral se fazia determinante para o desenvolvimento da cidade.

Portanto, como se pode perceber, a história da cidade do Rio está direta e intimamente vinculada aos seus morros, desde o surgimento como cidade até os dias atuais. Talvez seja impensável qualquer menção ao Rio de Janeiro que não passe por uma referência aos morros, visto que, até mesmo dois dos principais cartões postais do país são, exatamente, o Corcovado e o Pão de Açúcar. Por isso, e por outros motivos, este trabalho não teria como escapar ileso desse contato.

⁴ *Ele é da Lei meu sinhô*. Pakato do Cavaco, Gegê de Itaboraí e Luiz Fernando.

Tendo o Morro da Conceição como marco inicial desta escrita, é na sua base, aos pés da Conceição, que iremos humildemente nos curvar, em sinal de respeito, pedindo permissão aos ancestrais para, ao remexer na memória, trazer à luz algo que possa ser dito sobre o grande silêncio instaurado naquelas bandas da zona portuária.

Iniciar um parágrafo que retome o capítulo em que a história da Pedra do Sal parece ter emperrado, e captar um pouco do que ela tem para ser contado. Assim, contrariando inclusive um famoso ditado popular, busca-se aqui mostrar que com boa vontade e respeito é possível até tirar muito mais que “leite de pedra”, mesmo porque, Nela há de haver coisas bem mais interessantes.

2.3. O Morro da Conceição

Subir o Morro da Conceição revela-se em cada passo uma prazerosa viagem no tempo e um descobrimento improvável da própria cidade. Qualquer um que experimente esta aventura chegará ao topo, no Largo da Santa, diante da ermida construída em 1634, da imponente Fortaleza da Conceição e do Palácio Episcopal – estas duas últimas edificações do século XVIII – literalmente resfolegante.

Pois é realmente de tirar o fôlego a grandiosidade dos monumentos erigidos há mais de dois séculos, que ostentam um aspecto cenográfico, ocultados no alto do morro pelos edifícios erguidos a sua volta. Desconhecidos pela maioria da população e mantidos atualmente pelo exército, supostamente talvez esteja nessa discrição o grande segredo da sua preservação. Ainda que isso constitua um paradoxo e que desassistência possa ter sido, por muito tempo, interpretado como discrição.

Na verdade, esta suposição/afirmação soa conforme o discurso de quem vive no Morro. Qual uma ilha deserta, o Morro da Conceição comporta uma povoação que observa a presença de intrusos com desconfiança. Ao avançar pelas estreitas ruas de pedras, o visitante é vigiado indisfarçadamente por olhares receosos e inquisidores. Portanto, qualquer movimento exterior que lhes sugiram uma possibilidade de mudança do quadro instaurado, soa como ameaça e causa receio.

E não é difícil compreender tal comportamento. De uma maneira geral todo mundo se conhece no Morro e reconhece imediatamente quem não é morador. São famílias antigas, de gerações que se sucederam, e que ainda residem, embora em quantitativo decrescente, por conta do êxodo dos mais novos. Outras que se constituíram a partir das atividades portuárias, quando da construção do porto, no início do século passado, e novos moradores, com predominância para nordestinos. Estes, atraídos pela proximidade com o trabalho, geralmente hotéis ou estabelecimentos e prédios comerciais, cujos endereços estão no entorno ou não muito distantes do centro do Rio.

Em pesquisa realizada pela prefeitura do Rio, na gestão do prefeito Luiz Paulo Conde, assim como num documentário produzido sobre o Morro, nota-se a

heterogeneidade dessa população e como, inclusive, isso passa a ser motivador de discriminação dos mais antigos com relação aos mais recentes.

Os moradores antigos, geralmente ocupando as residências no cume do Morro, são os próprios proprietários e não têm grande afinidade com os moradores mais recentes, estes estabelecidos sobretudo na vertente norte do Morro e são, em grande parte, locatários.

Grande parte da tensão social existente no Morro, portanto, gira em torno dessas duas categorias, de suas aspirações, de suas identidades de seus valores, que acabam por gerar uma certa relação de hostilidade entre ambas as partes. (SIGAUD & PINHO, 2000, p.58).

Esse comportamento pode ser detectado nas entrevistas do documentário intitulado *Morro da Conceição* (2005), como no caso de Dona Iria, uma das senhoras dentre os outros idosos que compõe o filme, em declarações e histórias sobre o lugar: “Aqui é uma família... ainda tem muita gente... mas é pena que já não tem como era, antigo...agora tá vindo muita gente do norte pra aqui, sabe, mas antigamente era só portugueses...”. Dona Alzira é outra entrevistada, que com o mesmo ar de frustração lamenta a nova vizinhança, como se essa renovação dos moradores implicasse na degradação final do lugar. “Aqui morava muito marinheiro, muito pessoal da marinha, agora é só nortista, agora o norte vem todo aqui pro Rio de Janeiro”.

A citada pesquisa realizada pela prefeitura classificou a população do Morro em categorias que se estabelecem conforme a ocupação geográfica. Na sua parte mais alta estão os moradores mais antigos e de maior poder econômico. Na parte baixa, a classe de operários que se expandiu com o início do século passado. Porém, no que tange a ameaças externas, as quais possam provocar alterações na ordem interna, essas diferenças se dissipam em prol da defesa do bem estar comum.

A cada dia, no entanto são raros os moradores novos, sobretudo porque não é comum haver oferta de moradia disponível. De qualquer modo, quem chega, pelo menos inicialmente, nem sempre é bem-vindo. A preocupação com a violência, a quebra de tranquilidade, que é a marca do lugar, são ameaças que seus moradores vêm de perto nas comunidades vizinhas, nos outros morros.

Atualmente, foi instalada uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), programa de segurança do governo estadual, no Morro da Providência, onde havia forte prevalência do tráfico de drogas. Apesar da proximidade, o Morro da

Conceição permanece como um oásis de calma, porém, com a permanente expectativa de uma possível ruptura desse estado.

No citado documentário, alguns dos mais antigos moradores do Morro contam histórias da comunidade, abrem seus álbuns de família e relatam fatos marcantes das suas vidas, lá vivenciados. E é repleta de paixão e saudosismo a tônica desses depoimentos, em que são narradas as festas, as brincadeiras de infância, o primeiro namoro e também as frustrações.

O livro, *Morro da Conceição: da memória o futuro* (2000), traça um panorama completo da região, sob o aspecto geográfico e urbanístico. Sua preocupação é clara com a preservação arquitetônica dos bens, que melhor definido em seu próprio texto “configura-se por um conjunto de procedimentos simultâneos de gestão do espaço construído e da paisagem”. Aliás, esse trabalho é parte de um projeto da Prefeitura do Rio em parceria com órgãos do Governo francês, cuja participação de profissionais daquele país está na sua experiência em reabilitação de patrimônios históricos.

Foi criado assim, em 26 de outubro de 1998, através do Decreto nº 17.109, o Programa de Recuperação Orientada (proRio), que tem como um de seus princípios básicos intensificar a articulação entre os diversos programas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, promovendo um conjunto de ações complementares à organização urbana, que visam reabilitar e valorizar o patrimônio urbanístico, paisagístico e arquitetônico. Sua abordagem é interdisciplinar, uma vez que trata o espaço em todas as suas dimensões: física, social, econômica, simbólica e de natureza legal. (SIGAUD & PINHO, 2000, p. 13).

Embora o cuidado com o aspecto urbanístico e arquitetônico seja o enfoque principal, o livro até mostra algum esforço em abordar outras esferas, mas não com a mesma tônica. No que tange ao social, o assunto não toma muita profundidade, assim como no aspecto cultural nada que constitua expressividade, realmente, chega a ser mencionado pelos pesquisadores. Além de algumas atividades culturais, recentemente articuladas em eventos programados, ou sobre o Coral da Escola Padre Francisco da Motta, não se faz qualquer referência à criação de formas de cultura, sobretudo musical.

Sob meu ponto de vista, a partir das leituras e da experiência no contato direto com os objetos em questão, o que difere o Morro da Conceição dos demais morros da região portuária pode ser explicado por diversos motivos, mas o que

parece mais contundente é a forma como esses locais foram ocupados. A população do primeiro conta em seu quantitativo com grande número de pessoas de origem lusitana. A própria arquitetura predominante nos casarios sugere a semelhança com vilarejos de cidades portuguesas. São azulejos decorativos nas fachadas, característicos dessas edificações, contendo imagens de santos católicos, numa afirmação do sentimento cristão, fortemente presente na formação cultural do povo português. Após a criação do porto as construções foram se modificando, mas ainda assim, já havia antes, por exemplo, um sistema de esgoto minimamente funcional.

Muitos marinheiros de além-mar, ao chegarem de viagem, logo fixavam residência no local, por conta da proximidade com o porto e acabavam constituindo família. Mesmo os que por algum motivo retomassem as viagens, já haviam deixado fincadas firmemente suas raízes lusitanas por lá, sementes que se propagariam pelas futuras gerações.

Um aspecto a ser considerado também está no fato de o Morro da Conceição ter espaço físico relativamente menor que os demais da região. A concentração da massa pobre, negra, remanescente da escravidão e principal força de trabalho da estiva acabou sendo desviada para outros morros maiores. Como o próprio Morro da Favela, atual Providência, que irá abrigar, principalmente, os ex-combatentes da guerra de Canudos. A falta de um planejamento urbanístico na ocupação desses morros maiores, fato comum na construção da cidade como um todo, pode refletir desordenamento em proporções maiores, obviamente. As frágeis condições de vida das populações mais carentes foram fatores que certamente contribuíram para o inevitável processo de favelização, ao longo do século vinte.

O Morro da Conceição foi povoado nos primeiros séculos após a fundação da cidade e suas edificações obedeceram a um ordenamento mínimo, que de alguma forma pode ser mantido com o decorrer do tempo. Ainda assim, estudos mostram modificações estruturais em residências antigas, com ampliação da área construída, a fim de atender a chegada de novos moradores, o que compromete não só o acervo patrimonial-histórico como também a segurança dessas habitações.

Em sua tese de doutorado, intitulada *A utopia da Pequena África – Os espaços do patrimônio na Zona Portuária carioca*, Roberta Guimarães (2011) traça um perfil antropológico e sociológico da região e de início já aponta para a diversidade da população local. Partindo do processo de revitalização proposto pela prefeitura do Rio, o chamado Porto Maravilha, Guimarães inicia sua trajetória a partir do Morro da Conceição, um dos principais alvos da prefeitura, sob os pontos de vista urbanístico, patrimonial e histórico.

Subdividindo a sua pesquisa sobre o Morro em quatro capítulos, no primeiro deles intitulado *Um percurso por espaços, patrimônios e imaginários*, ela narra sua experiência nos contatos estabelecidos com moradores. Uma de suas primeiras observações trata da heterogeneidade daquela população e de como ela se mostra dividida, segundo ela, em moradores da “parte alta”, da parte baixa e grupos envolvidos com questões religiosas.

Segundo a autora a parte alta é também denominada como dos moradores “tradicionais”, ou seja, oriundos de portugueses e espanhóis, os quais seriam detentores de melhores condições financeiras se comparados aos da parte baixa. Da mesma forma que o documentário de Cristiana Grumbach e o livro de Márcia Sigaud e Claudia Maria de Pinho, Guimarães chama também a atenção para a animosidade gerada entre esses grupos economicamente distintos, porém com uma leitura pessoal dessa discriminação.

Guimarães vai sugerir que a discriminação sofrida pelos moradores mais novos, que em alguns depoimentos dos moradores “tradicionais” parece estar vinculada à origem nordestina daqueles, na verdade está muito mais vinculada ao aspecto econômico, refletido na moradia e na sua condição sociocultural. “Sendo que “nordestinos” era mais uma categoria moral de acusação associada à oposição “morador” e “favelado” e “masculino” e “feminino”, que uma referência ao fato dos moradores serem oriundos ou não da região do Nordeste do país.”(2011, p. 59).

No entanto qualquer discriminação carrega em si um dispositivo pronto a deflagrar um conflito. E uma vez acionado, motivado por qualquer circunstância que seja, jogará por terra todo tipo de relação em que o bem-estar esteja mascarado por uma classificação de preconceito, que sob determinado ponto de vista possa parecer amena. Assim, me parece frágil esse estado e injustificável ou

inclassificável a discriminação externada pela “parte alta”, pois, “nordestinos” será sempre um julgamento de conotação depreciativa da outra categoria de moradores.

Após todas as observações apuradas pelos pesquisadores mencionados, quando, entre outras coisas, parece ter-se estabelecido um comparativo com outros morros, uma constatação pelo menos não pode ser desprezada: não havia samba nesse morro, como em nenhum momento houve. Talvez esteja neste fato a principal diferença entre o Morro da Conceição e os demais. Não há nenhum relato ou informação que eu tivesse checado onde se pudesse detectar qualquer indício dessa ocorrência. Se em outros morros o samba nasceu no alto e desceu para fazer história, no Morro da Conceição muita história se produziu e se perpetuou lá em cima, mas a história do samba nasceu em baixo e nem subiu.

2.4. Subindo o Morro

Na primeira vez que me aventurei a subir o Morro da Conceição, convidei um amigo, Zé Conceição, para o passeio. Foi na manhã de 25 de julho de 2011, embarcamos na Estação do Engenho de Dentro, seguindo de trem até a Central do Brasil. Optamos pelo parador para uma contemplação mais demorada do percurso. Chegando à Central do Brasil partimos em caminhada pela Barão de São Félix, mediante o grande fluxo de carros e gente, envolvidos em compras nos armazéns que lá existem. Alcançando a Rua Camerino seguimos à esquerda e pudemos perceber que o caminho pelas escadarias que davam acesso ao Jardim do Valongo estava interditado. Como parte da nova reforma urbanística promovida pelo atual prefeito Eduardo Paes, o jardim como todo o Morro da Conceição também estava passando por obras. As ruas Camerino, Sacadura Cabral e todas as outras que cortam a região portuária foram transformadas em intensos canteiros de obras, com vários operários transitando, máquinas escavadeiras, imensas crateras expostas, outras protegidas por tapumes, e muita poeira.

No cruzamento da Camerino com a Sacadura Cabral, enveredamos à direita, por esta, percorrendo-a por cerca de cem metros até a Argemiro Bulcão. Mais uma vez seguimos à direita e poucos metros depois desembocávamos no Largo João da Bahiana. Aquele foi o local escolhido por mim para iniciar a subida, que não poderia deixar de passar pelos degraus da Pedra do Sal. Dali em diante tomamos a Rua do Jogo da Bola, muito mais um caminho tortuoso com seu calçamento de pedras irregulares. Mais à frente ela evoluirá para uma pavimentação de paralelepípedos, nos moldes mais modernos. Durante este percurso passamos por vários acessos de escadas estreitas que levavam para a parte de baixo, ao próprio Largo João da Bahiana ou ao Largo de São Francisco da Prainha.

A rua longa e estreita ostenta ainda um mirante que os moradores chamam de pracinha. Dois bares, sendo um conservando o aspecto característico de armazém antigo e o outro, uma pequena abertura em forma de garagem, a “famosa” barraquinha, muito comum às periferias como modo informal de obtenção de renda. No fim da rua, surge um grande paredão, cuja base se expõe

em grandes blocos de pedra, que nos deixou curiosos em saber do que se tratava, tamanha a sua imponência.

Ao atingirmos a parte frontal estávamos diante da Fortaleza da Conceição. A grande estrutura de muralhas altas com guaritas nas extremidades. Junto dela o Palácio Episcopal e à frente a ermida de Nossa Senhora da Conceição. Detivemo-nos um pouco na contemplação do cenário inusitado e percebemos soldados do exército resguardando a entrada principal. Buscamos informação no corpo da guarda e, mediante autorização do oficial do dia, nos foi permitida a entrada e a breve visitação, acompanhados por um soldado.

Dali retomamos o passeio pelas ruas e enveredamos por uma ladeira a baixo, quando diante de sua extensão e imaginando não ter saída, na metade dela tornamos a subir. Nesse ínterim, e sendo observados das janelas por algumas senhoras, percebemos uma porta aberta, cujo cômodo de entrada se assemelhava a um ateliê de pintura, dada a quantidade de telas espalhadas pelas paredes. Uma daquelas senhoras nos estimulou a chamar o proprietário, informando que ele estava em casa e que nos receberia, “com certeza”.

Do interior do imóvel estreito, de estrutura antiga surgiu um senhor de aspecto frágil, mas que se mostrou bastante receptivo, nos convidando a entrar e ficar à vontade para o que quiséssemos. Tratava-se do artista plástico Paulo Dallier que após apresentar-nos seus trabalhos, dos quais ficamos realmente admirados, falou de si, do Morro, da pintura e da sua relação com o Morro, dividida em duas fases: primeiro quando criança e atualmente, quando instalou ali o seu ateliê.

No endereço da Ladeira João Homem ele mora e expõe suas telas, além de se oferecer em prestar informações a qualquer visitante. A figura alva e magra de cabelos desalinhados, embranquecidos, se confunde com as próprias obras, sobretudo ao relatar sua história de vida, permitindo-se longos devaneios e conduzindo seu ouvinte às mesmas viagens.

Em alguns momentos ele se reprimia indagando “estou falando demais?”, ao que nós negávamos, para então ele retomar suas memórias. A tardia vocação para a pintura, os períodos de depressão e tentativas de suicídio, até uma provável descendência de um corsário francês, que teria participado de invasões ao Morro, em tempos distantes, foi cogitada por ele.

No entanto, Dallier não é muito bem visto por outras pessoas do lugar, correntes mais conservadoras que temem pela transformação do Morro numa “nova” Santa Tereza. Ele, em contrapartida, critica a mentalidade “atrasada” dos que o contestam, pois, segundo ele, uma transformação do local em pólo cultural atrairia a visitação turística e com isso traria novas possibilidades de desenvolvimento, como bares, restaurantes e espaços culturais. Para ele, isso estimularia a produção artística, causaria o aquecimento do setor econômico e essa combinação se refletiria no âmbito social, sendo altamente positivo para a comunidade. Assim sendo ele aposta no projeto que iniciou em parceria com Marcelo Frazão e Renato Santana denominado Projeto Mauá, em que promove aulas e oficinas de pintura, e que parece ter sido o principal motivo do seu retorno ao Morro.

Nascido no Jardim Botânico em 1932 veio com três meses de vida para a casa do avô, no Morro, onde viveu até os sete anos. Segundo ele, ao longo do tempo mantinha visitas aos primos e tios que sempre residiram no local, mas retornar em definitivo, somente há dez anos com a criação do projeto e a instalação do ateliê na própria residência. Lá ele mantém suas telas e acaba atraindo olhares de visitantes, logrando assim, êxito em despertar e receber atenção, o que nos pareceu uma necessidade pessoal bastante evidente.

Das telas dependuradas na parede da sala, naquele dia, as pinturas de um São Jorge e de uma Nossa Senhora, pela pujança das cores e dos traços e pela clara relação com os relatos da história de vida dele, foram as obras que mais nos impactaram. A julgar pelas suas palavras e pelo seu *blog*, Dallier tem se destacado profissionalmente, obtendo reconhecimento, colhendo muitos elogios de artistas e de críticos, e sendo convidado para expor em vários lugares.

Depois desse dia, que se revelou muito mais um passeio do que propriamente uma pesquisa de campo, retornei ao Morro outras vezes, imbuído do espírito pesquisador, mas confesso que, ainda assim, a configuração de passeio persistiu e não havia como ser diferente. Foi dessa forma que me amparei no bar do Beto, um pequeno estabelecimento na Rua do Jogo da Bola. Fim de tarde, corpo cansado, sedento por informações, pedi uma cerveja. Depois de alguns instantes conversávamos informalidades, eu e o proprietário, até que adentrasse ao recinto um homem branco, troçando com o Beto e pedindo também uma cerveja.

Porém da sua postura irreverente destoava um sotaque levemente estrangeiro. Rapidamente eliminamos qualquer diferença que se pudesse interpor a nós ao partilharmos a bebida, moderadamente, o suficiente para que eu descesse bem mais leve do que quando subira.

Naquele momento eu acabava de conhecer Tomas Martin, sueco de nacionalidade, mas um apaixonado pelo Brasil, pelo Rio de Janeiro e pelo estilo de vida que aqui conheceu. Tanto que aqui se estabeleceu estando hoje casado com uma brasileira e tendo já um filho dessa união. Ambos são antropólogos e ele, entre outras ocupações, atualmente leciona em uma universidade particular. O casal reside praticamente ao lado desse bar onde nos conhecemos e constitui a categoria de moradores recentes do Morro.

Durante a conversa que tivemos, após eu falar sobre o porquê da minha presença ali, ele mostrou-se bastante solícito e demorou a revelar sua profissão. Contudo, mesmo depois de algumas perguntas sobre a vida da comunidade ele se comportava apenas como morador, sem jamais permitir que o antropólogo se pronunciasse. Seu comportamento, aliás, não foi diferente do que pude depreender dos demais moradores do local. O mesmo olhar inquisitivo dirigido a mim por onde passei, vindo das janelas, dos sobrados, estava agora, a alguns centímetros de distância no rosto do Martin. “Sei, a sua pesquisa é a Pedra do Sal, mas o que você quer do Morro da Conceição?”.

A impressão que se tem é que os moradores vivem apreensivos diante da possibilidade de intervenções externas e qualquer elemento estranho ao ambiente parece constituir uma ameaça. Mesmo o Martin, morador novo já demonstra essa preocupação. E não é difícil compreender diante de sua justificativa: “Aqui meu filho brinca na rua, vai até a pracinha, sozinho, ou com os amiguinhos para brincar, e eu fico tranqüilo. Porque aqui todo mundo se conhece e todo mundo “olha”.

A tranquilidade a que ele se refere é algo, realmente determinante no Morro da Conceição. O grande conflito que vive a população, portanto, consiste na pretensa adoção de uma política voltada para o turismo, a qual traria para o seu interior progresso, mas, conseqüentemente, agitação. Em oposição a isso, reluta o desejo de se manter vivendo, ainda que com algumas precariedades, a paz impagável que reina por lá.

As opiniões se dividem de acordo com os pontos de vista, ora arrojados e empreendedores como o de Dallier, ora mais criteriosos como o de Martin. Não que este último descarte o desenvolvimento da região, mas receia pelos arranjos aonde vão se originar esse crescimento e o que ele poderá custar aos moradores. Enquanto isso prosseguem as obras de revitalização da Zona Portuária, mantendo em suspense o destino do Morro e o clima entre seus habitantes.